

BENVENISTE E BAUDELAIRE: LINGUÍSTICA E POESIA

Fernando Silva e Silva¹

RESUMO: Este artigo trata dos manuscritos de Émile Benveniste sobre a poesia de Charles Baudelaire. Recentemente publicados (2011), eles causaram comoção na comunidade linguística. Ao explorar a poesia de Baudelaire, Benveniste apresenta sua concepção do funcionamento da linguagem poética e de que maneiras ela pode ser estudada pela linguística. Aborda-se aqui a concepção de poesia teorizada pelo autor e algumas de suas análises de poemas de Baudelaire. O estudo aponta para uma concepção ambivalente de poesia nos manuscritos: em parte extremamente conservadora, em parte indicando as bases para uma teoria inovadora do discurso poético.

PALAVRAS-CHAVE: Émile Benveniste, Charles Baudelaire, linguística, poesia.

RÉSUMÉ : Il s'agit dans cet article d'analyser les manuscrits d'Émile Benveniste à propos de la poésie de Charles Baudelaire. Récemment publiés (2011), ils ont causé une commotion dans la communauté linguistique. Lorsqu'il explore la poésie de Baudelaire, Benveniste présente sa conception du fonctionnement du langage poétique et de quelles manières il peut être étudié par la linguistique. On traite de la conception de poésie théorisée par l'auteur et de quelques-unes de ses analyses de poèmes de Baudelaire. L'étude pointe à une conception ambivalente de poésie dans les manuscrits : d'un côté extrêmement conservatrice, de l'autre elle indique les bases pour une théorie renouvelée du discours poétique.

MOTS-CLÉS : Émile Benveniste, Charles Baudelaire, linguistique, poésie.

¹ Graduado em licenciatura em letras com ênfase em língua francesa e literaturas de língua francesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestrando do programa de pós-graduação da mesma universidade na área Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: fernandosilva@gmail.com

*“Si le primat est donné au discours,
il en apparaît qu’il n’y a pas de discours ordinaire:
tout discours est particulier.
Tous sont ordinaires comme le langage”
(MESCHONNIC, 1982, p. 513).*

D

Desde que a linguística se organizava como ciência, isto é, assimilava as formas de escrever ciência estabelecidas pela filosofia e as ciências naturais, são buscadas formas de aliar os procedimentos de análise que se formavam com a pesquisa do objeto literário. Com efeito, se olhamos para alguns dos movimentos fundadores mais importantes, vemos que estas duas pesquisas estavam aliadas em maior ou menor grau. É o caso, por exemplo, do círculo linguístico Praga e dos trabalhos de Ferdinand de Saussure e Edward Sapir². O estabelecimento definitivo de um método estruturalista ao longo da primeira metade do século XX permitiu mais facilmente, em aparência, esse trânsito. A revista *Langages* de 1968, intitulada *Linguistique et littérature* é exemplar do desenvolvimento desta empreitada. Edição nº 12 organizada por Roland Barthes e com contribuições de grandes nomes como Tzvetan Todorov e Gerard Genette, a quarta *Langages* daquele ano nos mostra até onde havia chegado a pesquisa em literatura, principalmente com o artigo-diagnóstico de Nicolas Ruwet, *Limites de l’analyse linguistique en poétique*. Nesse, é sinalizado que a poética estrutural teria chegado ao seu fim, principalmente devido ao advento da teoria gerativa-transformacional (cf. p. 56-7).

Émile Benveniste deveria estar entre os autores da edição, porém não concluiu seu artigo sobre linguagem poética e a obra de Charles Baudelaire. Não nos interessa o motivo dessa difi-

2 Em relação ao Círculo de Praga, vários dos textos que buscam demonstrar tal interface se encontram na coletânea de textos *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*, organizada por Dionísio Toledo. O incurso de Saussure na literatura pode ser visto em seus trabalhos sobre os anagramas da poesia latina e sobre a mitologia germânica (cf. STAROBINSKI, 1971). Sapir trata das relações entre linguística, língua e literatura no último capítulo de seu único livro, *Language*.

culdade em entregar o artigo prometido, até porque não se conta com nenhum dado biográfico a respeito, fora aquilo que transparece nas centenas de folhas manuscritas até pouco tempo abandonadas e encaixotadas. Ao que parece, a realização do texto foi impedida por um conflito, sobretudo teórico: conceitual e metodológico. É patente uma luta com a terminologia convencional tanto da linguística quanto da vulgata poética. Por exemplo, na caixa número 21 dos manuscritos, se encontra, sobretudo, uma série de folhas nas quais constam listas. Nessas, Benveniste tenta delimitar palavras (mar, arte), categorias (pedras preciosas, sons) ou construções sintáticas (verbos ativos com sujeito inanimado, relação entre futuro e imperfeito) recorrentes na poesia de Baudelaire. No entanto, algumas folhas apresentam um único termo, sem relação aparente com as classificações anteriores. O que fazer desses dados, porém, é um programa adiado.

Essa busca pretende delimitar o que é a *palavra poética*. Como se recria a significação da palavra no contexto do poema? Como o poeta imprime novos valores através de seu discurso aos termos recorrentes do que Benveniste chama a “linguagem ordinária”? São perguntas que parecem transparecer. Sobretudo, esse trabalho chama atenção à indissociabilidade de forma e sentido, no poema e também em qualquer outro lugar da língua, mas sem atribuir aos significantes valores psicologizantes aplicáveis a qualquer poema. Apesar de ser desenvolvida no período crítico de apogeu e queda do estruturalismo, esta poética toma o caminho contrário e sublinha a individualidade da linguagem poética como um geral-particular, um modo especial de enunciação capaz de imprimir valores inéditos aos elementos do sistema.

Este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, reúno algumas das ideias principais sobre poesia dos manuscritos de Émile Benveniste, *Baudelaire* (2011). Na segunda, apresento o que diz Benveniste sobre os poemas de Baudelaire e também alguns rascunhos de análises suas de diferentes poemas.

Os manuscritos e a definição de poesia

Conservados desde a morte de Benveniste na Biblioteca Nacional da França, os manuscritos encontravam-se depositados no departamento de manuscritos orientais, o que não é uma surpresa, mesmo que possa parecer curioso. Como o tema mais abordado ao longo da vida de Benveniste foram as línguas do ramo iraniano, grande parte do seu legado, se não todo, estava classificado sob a categoria “papéis de orientalistas”. Muito recentemente eles foram transcritos por Chloé Laplantine concomitantemente à escritura de uma tese de doutorado sobre o inconsciente e a poética em Benveniste (cf. LAPLANTINE, 2008). Tão recentemente divulgados que ainda não se sabe bem o que fazer deles, quais caminhos eles abririam para o pensamento sobre a linguagem e quais eles fechariam.

O esforço aqui é simples: organizar algumas das ideias mais recorrentes nos manuscritos, de forma que possamos visualizar o potencial epistemológico dessas proposições. Coloca-se inevitavelmente a questão do porquê de se recorrer a estes fragmentos de uma obra abortada, uma vez que boa parte da obra do autor, que tem uma enorme produção intelectual, continua obscura. A resposta é que o assunto dos manuscritos não poderia estar de maneira mais forte na ordem do dia. Não apenas por se debruçar sobre a linguística, a poesia, Baudelaire ou a relação entre estes,

mas por deixar entrever um passo para fora de uma metafísica da linguagem, e por consequência da poesia e da linguística. A análise de Laplantine deixa clara a importância do projeto, justamente porque ela não vê nada dele, seus esforços são exclusivamente com o objetivo de reforçar oposições já desgastadas mas sempre produtivas de clichês como aquela entre prosa e poesia, que é decorrente e da qual decorre uma série de dicotomias essenciais à arte e à cultura ocidental como um todo: racional/irracional, objetivo/subjetivo, aparência/essência, cópia/original, forma/conteúdo, discurso/silêncio e outras. Todas essas dualidades orientam as práticas de linguagem, isto é, as práticas humanas e sociais.

Laplantine poetiza Benveniste, fazendo a escansão de frases suas e sublinha que a poeticidade de suas proposições alimenta a verdade delas. Poesia, origem, verdade. O mesmo movimento que alimenta outras tentativas falhas de dizer algo de novo sobre a literatura. O que não quer dizer que as proposições do linguista nos manuscritos, inéditos até 2011, sejam revolucionárias e nos indiquem de forma clara um caminho a trilhar. Pelo contrário, em boa parte elas falham, igualmente, em colocarem-se fora do óbvio quando falando em poesia. Afinal, dizer que “la poésie (lyrique) est le langage de l’intériorité ; le poète se parle à soi-même, dialogue avec sa pensée, console sa douleur” (2011, 6, P²³)⁴, é pouco mais que um clichê. No entanto, é o conflito patente com esses clichês da poética, sua insuficiência perante a poesia de Baudelaire da forma que Benveniste a vê, que vai indicar uma abertura para o pensamento sobre o poema. No que concerne à linguística, o conflito não está menos presente. Nota-se um “desespero terminológico,” uma constante troca e redefinição de termos, o signo não é mais signo, a palavra não é mais palavra. Qual a unidade do poema? O verso, a estrofe, ou o todo, indivisível?

Espero que, ao sublinhar as diversas contradições que marcam esse trabalho-que-nunca-foi sobre a poesia, possamos entrever alguns caminhos para o reencontro entre linguística e literatura, pois elas nunca estiveram separadas, sendo ambas aventuras no domínio da linguagem.

Em dois pontos, principalmente, a poética de Benveniste é conservadora, isto é, reproduz um discurso corrente sobre a literatura, principalmente os de Mallarmé e de Valéry, autores citados com frequência. Primeiramente, a fronteira intransponível que mantém entre prosa (confundida com o discurso prosaico) e a poesia. Ela é sustentada com veemência por ambos os autores mencionados e para Valéry, principalmente, essa concepção é recoberta de elitismo, o qual pode ser visto em uma de suas formas em seu desprezo pelos falares populares, e de certa metafísica da poesia⁵. Dessa oposição estática, Benveniste determina o papel da poesia como o de fazer o leitor

³ A referência segue a notação utilizada na organização dos manuscritos. O primeiro número indica a caixa na qual está depositada a folha citada, o segundo indica o número da folha no conjunto dos manuscritos.

⁴ A poesia (lítica) é a linguagem da interioridade; o poeta fala consigo mesmo, dialoga com seu pensamento, consola sua dor (tradução minha).

⁵ Se penso que a crença em uma fronteira intransponível entre prosa e poesia é uma posição conservadora é porque, primeiramente, acredito que exista outra maneira de ver o discurso literário. Em segundo lugar, se uso o adjetivo “conservador” não é para fazer um protesto barato, ou colocar-me junto a uma vanguarda teórico-literária. Algumas vanguardas poéticas mostram grande conservadorismo em poesia, expresso, no entanto, de maneiras diferentes. Defendo a rejeição dessa oposição porque ela leva ao obscurantismo na poesia, mistificando-a, transformando-a em música, em canto, e à banalização da prosa, igualada ao falar diário. Nos dois extremos, a miríade de formas pelas quais o homem se faz sujeito pela escritura é eclipsada, em favor do que pode ser abstraído em categorias gerais ou do que se aproxima da não-linguagem: ruídos, gemidos e gritos.

sentir uma emoção como aquela que o poeta teria sentido, motivando sua escritura. A ruptura com esse ponto de vista, no entanto, é anunciada pela forma como Benveniste aborda o fazer poético de Baudelaire. A individualidade radical que o linguista identifica nele não está centrada na ideia romântica do vate inspirado ou genial, o que iria de encontro à posição conservadora quanto à poesia. Na verdade, ela leva em conta, sobretudo, a forma como o poeta se faz sujeito na língua, criando assim sua própria língua dentro daquela que lhe foi dada.

O *problema*, isto é, o nó epistemológico, sempre por onde Benveniste inicia suas análises, é colocado da seguinte maneira:

Je crois voir maintenant la clef du problème que pose le langage poétique (c'est-à-dire pour moi celui de Baudelaire) et en tant que problème linguistique.

C'est que **le langage poétique n'a pas de dénotation** au sens où le langage ordinaire a fonction de dénoter. C'est essentiellement la raison qui rend le poème inconvertible en prose.

C'est une langue sans dénotation, et qui néanmoins garde l'allure d'une langue, et prend la forme d'un discours. Comment comprendre ce paradoxe ?

Que la langue poétique n'a pas de dénotation situe le problème au niveau non du signe mais du discours entier ou mieux de la fonction du poème en tant que réalisation d'un certain **exercice** de la langue poétique. C'est le discours entier qui révèle la nature de la langue dans laquelle il est construit.

(22/º 253, marcações do autor)⁶

A insistente distinção entre poesia e prosa continua aqui, mas a terceira frase apresenta uma ótima pergunta: o poema é uma língua que não tem a função comum que se daria a uma língua, no entanto ele continua a parecer uma língua e toma a forma de um discurso: como se sustenta esse paradoxo? Benveniste supõe então que a poesia não acontece no nível do signo, mas do discurso inteiro enquanto realização, exercício. Essa primeira constatação é seguida pela definição do trabalho do poeta: “comment obtient-il cette ‘dénotation d’émotion’ ? Par ses agencements particuliers de mots, qui restent des signes, mais valorisés à neuf par des alliances nouvelles” (22/º 254)⁷. A combinação “denotação de emoção” diz pouco, mas seu objetivo aqui é de se opor à denotação simples, isto é, do discurso que fala sobre o “mundo.” Benveniste se apoia em Mallarmé para dizer que a poesia só trata de mundos ficcionais, enquanto a prosa se refere ao mundo real. A divisão é duvidosa, especialmente pela essencialização das duas categorias, mas o que segue é o que nos interessa: os agenciamentos particulares de palavras, valorizados de uma nova maneira através de

⁶ Acredito ver agora a chave do problema que a linguagem poética (isto é, para mim, a de Baudelaire) coloca e enquanto problema linguístico. / É que a *linguagem poética não tem denotação* no sentido em que a linguagem ordinária tem função de denotar. É essencialmente essa a razão que faz o poema inconvertível em prosa. / É uma língua sem denotação, e que ainda assim guarda os ares de uma língua, e toma a forma de um discurso. Como compreender esse paradoxo? / O fato de que a língua poética não tem denotação situa o problema no nível não do signo, mas do discurso inteiro, ou melhor da *função* do poema enquanto realização de certo **exercício** da língua poética. É o discurso inteiro que revela a natureza da língua na qual ele é construído (tradução minha).

⁷ Como ele obtém essa “denotação de emoção”? Através de seus agenciamentos particulares de palavras, que permanecem signos, mas valorizadas de uma nova maneira através de novas ligações (tradução minha).

novas alianças. Aqui toda a essencialização é negada. O valor, em uma acepção aparentemente bem saussuriana, é estabelecido inteiramente no exercício da linguagem poética ou, para deslocar um termo benvenistiano, na sintagmação.

Assim, afirma o linguista que “[t]out est donc, s’il y a un problème linguistique de la poésie, dans la nature propre des **mots** en tant que formants du langage poétique” (22/fº 261)⁸. A interação entre linguística e poesia então, para ele, deve focar-se no trabalho dessas palavras poéticas, diferentes dos signos, que formam o que é particular dessa linguagem. Interessante observar o movimento totalmente contrário de Benveniste em relação a outras incursões da linguística na poesia. Se Todorov e Greimas, e mesmo Jakobson até certo ponto, dão primazia a modelos de análise ahistóricos, porque são modelos e não procedimentos, e reduzem a análise literária à alocação dos elementos empíricos nas categorias do modelo, Benveniste sublinha uma historicidade da língua poética, a qual se faz na instância do poema enquanto “agenciamento particular de palavras que ganham um novo valor.” Por isso, o projeto ali desenhado não é o de uma nova entrada da linguística na poesia, mas de uma outra linguística, a qual se volta para mais um fenômeno de linguagem, sem excluir a poesia de seu escopo através da sua super- ou subvalorização. O obstáculo para a realização de tal projeto é a sustentação de uma metafísica promotora da continuidade de certo discurso sobre a poesia e sobre a linguagem, do qual, devido ao seu longo enraizamento histórico, é difícil se desembaraçar. Benveniste sustenta com radicalidade ambas as posições, tanto a que destaca a historicidade do discurso poético, quanto a que essencializa a prosa e a poesia:

En poésie l’objet dont parle le poète n’est pas comme dans le langage ordinaire extérieur au langage, et référé par le langage : il est intérieur au langage et créé par ce langage, par le choix et l’alliance des mots.

La chose dont il traite naît de l’agencement des mots, et de là seulement. Ces mots modifiés, tout ce qu’ils expriment disparaît. (22/ fº 260)⁹

Dessa posição ambivalente decorre a defesa, igualmente ambivalente, da não separação de forma e conteúdo no poema. Diz o linguista:

La poésie est identification de la matière linguistique à la signification des mots. Il faut que le son suggère ou imite le sens, mais le sens pris comme suggestion émotive non comme signifié lexical. [...] Il faut poser ceci au départ même de toute étude sur le langage poétique : 1) la dichotomie forme : sens a ici encore moins de sens que partout ailleurs. 2), le « sens » en poésie est intérieur à la ‘forme’. (22/fº 256-7)¹⁰

⁸ Tudo está então, se há um problema linguístico da poesia, na própria natureza das palavras enquanto formantes da linguagem poética (tradução minha).

⁹ Em poesia, o objeto do qual fala o poeta não é, como na linguagem ordinária, exterior à linguagem e referido pela linguagem: ele é *interior* à linguagem e *criado* por essa linguagem, pela escolha e aliança de palavras. / A coisa da qual ele trata nasce do agenciamento das palavras e apenas daí. Essas palavras modificadas, tudo o que elas expressam desaparece (tradução minha).

¹⁰ A poesia é identificação da matéria linguística com o significado das palavras. É necessário que o som sugira ou imite o sentido, mas o sentido tomado como sugestão emotiva e não como significado lexical. [...] é necessário estabelecer isso ao começo de todo estudo sobre a linguagem poética: 1) a dicotomia forma:sentido tem aqui ainda menos sentido que em todos os outros lugares. 2) o “sentido” em poesia é interior à “forma” (tradução minha).

A dicotomia razão/emoção, ao se deparar com a tarefa de dar conta do excesso de significação que ocorre no poema, no qual cada vez mais sentido parece estar sendo produzido, coloca à frente a ideia de que no verso o som imita o sentido, este entendido aqui como “sugestão emotiva.” Mas já na nota seguinte essa distinção é exposta de forma diferente; a distinção forma/sentido faz ainda menos sentido na poesia do que *partout ailleurs* isto é, em todos os outros fenômenos de linguagem. Logo contradito pelo ponto dois, onde se lê que o sentido é interior à forma, o que é um retrocesso e a negação do ponto um. Em outros trabalhos Benveniste aborda a problemática do par forma/sentido, mas não me ocuparei disso agora.

Para encerrar esta primeira parte de exposição das principais linhas conceituais orientadoras da entrada de Benveniste na análise da poesia, destaco novamente o que me parece a questão central dessa busca, diversas vezes repetida pelo autor: “[p]ris séparément, les mots du poète sont ceux de la langue ordinaire. Ils ne sont donc de la poésie qu’en tant qu’ils sont groupés et ordonnés” (22/º 262)¹¹. É essencial manter em mente: quando se fala de palavra poética não se trata de palavras consideradas mais belas do que as do dia a dia ou mesmo daquelas que em sua entrada no dicionário têm a abreviação lit.. As palavras poéticas são criadas na organização do discurso poético, através da forma pela qual elas são agrupadas e ordenadas, afinal, é apenas nessa organização, nessa sintagmação, que é possível atribuir valor aos signos. É em um discurso específico que uma palavra se faz poética, em um outro, ela será como qualquer outra.

Sobre Baudelaire

Para colocar a parte anterior em perspectiva, é importante ter algo em mente: tudo que foi dito sobre a poesia por Benveniste é balizado pelo objeto escolhido, a língua poética de Baudelaire: “[l]a poésie a ici le visage de Baudelaire ; je parle d’elle ou de lui, sans pouvoir toujours les distinguer. La poésie, c’est la poésie plus un certain poète. [P]uisque chaque poète a sa langue poétique” (21/º 210)¹². Assim, a teorização d’A poesia confunde-se com a teorização do poema, da realização individual da organização de sentido baudelaireana, definindo-se mutuamente, enfraquecendo-se em certos pontos e reforçando-se em outros. Defne:

Chez Baudelaire, poète mais aussi intelligence lucide, l’émotion est transposée en ‘réalité’ objective. C’est comme une objectivation de l’expérience la plus intime; l’émotion est convertie ou extravertie en images d’un monde qui a les apparences d’un monde réel : c’est un monde qui consiste en mers et en astres, en nuits et en parfums, en gemmes et en femmes (22/º 263-4)¹³.

¹¹ Tomadas separadamente, as palavras do poeta são as da língua ordinária. Então, elas só são poesia na medida em que são agrupadas e ordenadas (tradução minha).

¹² A poesia tem aqui o rosto de Baudelaire; eu falo dela ou dele, sem poder sempre distingui-los. A poesia é a poesia mais um certo poeta. Visto que cada poeta tem sua língua poética (tradução minha).

¹³ Em Baudelaire, poeta, mas também inteligência lucida, a emoção é transposta em “realidade” objetiva. É como uma objetivação da experiência mais íntima; a emoção é convertida ou expressa em imagens de um mundo que tem as aparências de um mundo real: é um mundo que consiste em mares e astros, em noites e perfumes, em gemas e mulheres (tradução minha).

O autor aplica sua ideia de “emoção transposta em realidade objetiva” em Baudelaire. Mantém a definição ordinária da poesia como “emoção íntima convertida em imagens.” No entanto, volta-se para o material linguístico não para lê-lo através de biografismos ou psicologismos; o que vai lhe interessar serão as relações de sentido criadas em cada poema, enquanto prática de linguagem. O estudo de um “vocabulário de Baudelaire” nesse caso não teria a intenção de definir propriamente um léxico constante, mas um espaço do trabalho poético. “Il faut donc s’adresser aux mots-clefs de cette imagination de réalité [...]” (22/fº 264)¹⁴.

Nas notas 268-271, recorte especulativo, podendo ser maior ou menor, há uma sequência intitulada *Fondement de la poétique baudelairienne*, na qual Benveniste estabelece o que, para ele, é o princípio organizador dos poemas de Baudelaire: “[t]oute l’attitude de Baudelaire à l’égard du monde, de la vie, de l’homme trouve son unité dans ce principe : **Baudelaire veut mettre en correspondance et en harmonie la nature du monde et la nature de l’homme**” (22/fº 268)¹⁵. Para demonstrar essa afirmação, o linguista recorre às associações mais ou menos recorrentes de palavras em Baudelaire:

Cette unité et cette harmonie sont de plusieurs ordres :

Chez Baudelaire il n’y a pas d’objets . Les choses n’existent pas pour elles-mêmes. Elles ne sont données que par et pour les sentiments qu’elles suscitent en l’homme [...]. Il n’y a pas d’arbres, de forêt : les exemples de ‘forêt ’ sont tous les équivalents de la chevelure, ‘forêt aromatique’. Les ‘bois’ n’abritent que des chasseurs et retiennent de cors.

Il n’y a pas de ‘source’ (1 seule fois), ni de ‘rivière’ (1 seule fois) les ‘fleurs’ ne sont que métaphoriques.

Baudelaire ne s’intéresse qu’aux lacs qui sont encore miroirs ou transparences , aux grandes eaux en mouvement , et enfin et surtout à la mer [...]. (22/ fº 269-70)¹⁶

Interessante notar que mesmo referindo-se a uma individualidade radical da expressão poética, a abordagem tem uma base estatística, enumerando os empregos lexicais e destacando aqueles que destoam da média, seja por um emprego raro ou constante. Isso porque Benveniste não dissocia a obra do poeta, entendida como um conjunto, de seus poemas. Não propõe a análise isolada de um poema. “Il est vain de traiter de la langue poétique si on ne définit au préalable la nature, l’attitude et le dessein du poète. Cela est même doublement nécessaire, car autrement le processus linguistique ne peut être élucidé” (22/fº 275)¹⁷, afirma.

¹⁴ É necessário então se dirigir às palavras chave dessa imaginação de realidade (tradução minha).

¹⁵ Toda a atitude de Baudelaire a respeito do mundo, da vida, do homem, encontra sua unidade nesse princípio: **Baudelaire quer colocar em correspondência e em harmonia a natureza do mundo e a natureza do homem** (tradução minha).

¹⁶ Essa unidade e essa harmonia são de diversas ordens: / Em Baudelaire **não há objetos**. As coisas não existem por elas mesmas. Elas são dadas apenas para e pelos sentimentos que suscitam no homem [...]. Não há árvores, floresta: os exemplos de “floresta” são todos equivalentes à cabeleira, “floresta aromática”. Os bosques apenas abrigam caçadores e ecoam berrantes. / Não há “fonte” (1 única vez), nem “rio” (1 única vez) as flores são apenas metafóricas. / Baudelaire se interessa apenas pelos **lagos** que são **espelhos** ou transparências, pelas grandes **águas** em movimento e enfim e, sobretudo, pelo **mar** (tradução minha).

¹⁷ É vão da língua poética se não se define previamente a natureza, a atitude e o propósito do poeta. Isso é mesmo duplamente necessário, pois senão o processo linguístico não pode ser elucidado (tradução minha).

Vejam os alguns exemplos mais pontuais de análises realizadas pelo autor. Nenhuma análise, assim como todas as outras passagens citadas até o momento, é mais do que um esboço, assim que não se pode dar um peso teórico muito grande a elas. O objetivo é simplesmente ressaltar alguns dos pontos assinalados por Benveniste, de modo a recensear quais eram as características dos poemas de Baudelaire que lhe chamavam atenção.

Na folha de número 278, trata-se do poema *La mort des amants*, o qual abre a quinta parte de *Les fleurs du mal*. Texto curto, composto de 2 quartetos e 2 tercetos, com padrão de rima não fora do comum para o formato (ABABCDCDEEFGFG). O linguista sublinha, primeiramente, o emprego do futuro simples, dizendo que ele constitui um “futur à plusieurs échelons”¹⁸, o qual organiza as ações do poema. Em segundo lugar, ocupa um espaço maior de sua nota a análise da descrição do ambiente no qual se desenrola a cena narrada. Ele marca ao longo do poema os termos que evocam “suggestions des parfums, d’anéantissement doux, de charme étrange et exotique”¹⁹, destacando aqueles que parecem receber um valor diferente do ordinário na relação em que estão colocados. Da terceira estrofe, ressalta um *soir*, enquanto marca de temporalidade, mas também na relação proposta no discurso poético entre um brilho único e um longo soluço, carregado de adeus²⁰.

Análise ainda mais vaga é a que encontramos na folha 35. Nessa, é abordado o poema *Le Balcon*. Para cada uma das seis estrofes, Benveniste destaca algumas palavras ou sintagmas. Na quarta estrofe, por exemplo, é ressaltado “nuit s’épassissait”, “boire ton souffle”, “tes pieds s’endormaient dans mes mains”²¹. Essas expressões são assinaladas por demonstrar um procedimento em Baudelaire que o linguista chama de *pregnâncias afetivas*, isto é, a atribuição de afeto a “objetos”. Esse procedimento que Benveniste identificaria está na continuidade tanto de sua teoria sobre a poesia em geral como a sobre a obra do poeta. Para ele, como já dito, Baudelaire visa, sobretudo, a construção de uma harmonia, na forma de espelhamentos e continuidades entre o poeta, figura subjetiva, e o mundo externo, assim como entre os homens e o mundo. Essas “pregnâncias afetivas” seriam as marcas da percepção do mundo pelo poeta. Isso não teria nada de especial em termos de escritura poética, pois parece ser uma afirmação genérica quanto à poesia. O que diferencia a análise é o trabalho com um léxico específico, recorrente na obra do poeta. Ao se debruçar sobre a “língua” de Baudelaire, Benveniste sai da metafísica da poesia.

Na folha 37, o poema em questão é o *Spleen* n° LXXX (identificado na nota como 78, talvez por uma diferença de edições ou mero engano). Diferente de outras análises, o que é colocado em destaque aqui não são apenas substantivos, ou torneios metafóricos, mas alguns introdutórios de comparação: *comme, changée, imite, ainsi que*. Interessante perceber que essas expressões não pertencem a uma mesma classe gramatical, mas exercem uma função semântica similar no discurso poético e por isso são agrupadas. Benveniste opõe no poema as comparações e as personificações (*l’Espoir pleure, l’Angoisse plante*). Como na análise anterior, é possível situar esse rascunho dentro do

¹⁸ Futuro a diversos níveis (tradução minha).

¹⁹ Sugestões de perfumes, de doce destruição, de charme estranho e exótico (tradução minha).

²⁰ A estrofe é: “Un soir fait de rose et de bleu mystique, / Nous échangerons un éclair unique, / Comme un long sanglot, tout chargé d’adieux.”

²¹ A noite engrossava / beber teu hálito / teus pés adormeciam em minhas mãos (tradução minha).

contexto teórico proposto por Benveniste, mas não é possível apontar aonde chegaria o estudo.

Outras análises não possuem nem um mínimo de informação, como as anteriores. Na folha de número 316, por exemplo, Benveniste propõe uma divisão dos poemas de Baudelaire em “le discours sur le poète, sur les choses, et le discours **du** poète, des choses”,²² completando que “[d]u premier type relève l’**Albatros**. Du second, **Harmonie du soir**”²³. No entanto, o sintagma “Leurs différences:”²⁴, o qual deveria introduzir o começo de uma lista, não tem continuação.

Esses breves exemplos pretendiam sugerir qual o possível procedimento de análise que seria incitado pela teoria proposta sobre a poesia e o poema. Sendo essas folhas apenas rascunhos, as suposições são circunstanciais, duvidosas, mas tentei situar o procedimento dentro do espaço conceitual proposto.

A poética de Benveniste

O que a leitura nos aponta, finalmente, é que Benveniste não consegue sair da distinção prosa/poesia como equivalente de racional/afetivo (cf. 20/208). Na folha 284 essa oposição toma outra forma recorrente, aquela entre compreensão e percepção, distinguindo o raciocínio e o instintivo. É curioso que para conseguir dar ares de validade a essa divisão intransponível, Benveniste tem de reduzir a “língua ordinária” a algo que não é o que ele defende em diversos de seus textos: “Il n’y a donc plus de « signes » communs à tous les locuteurs, communiquant à tous un concept identique, mais autre chose qui n’est pas de l’ordre de la dénomination, mais de la suggestion” (20/fº 205)²⁵. A tentativa de definir ambos os campos a partir dessa separação acaba ferindo outros princípios já estabelecidos pelo autor, como o da primazia da significação sobre o da designação em toda a linguagem.

Essa via de análise acaba por se provar improdutivo, as questões não avançam, isto é, não constituem um pensamento coeso sobre o objeto poético e ainda minimizam trabalhos anteriores sobre o discurso “ordinário”. Porém, a pergunta se mantém forte e é ela que anuncia, em um duplo movimento, a possibilidade de uma linguística e de uma teoria literária renovadas (por não estarem separadas):

Il est bien certain que le matériel linguistique dont le poète se sert est celui du dictionnaire. Sauf exception rare, tous les mots de Baudelaire, de Mallarmé, sont individuellement dans le dictionnaire. Il n’y a aucune forme verbale nouvelle, la rection des prépositions est la même, etc. Et pendant ce n’est pas la même langue. Pourquoi ? (20/fº206)²⁶

²² O discurso **sobre** o poeta, sobre as coisas e o discurso **do** poeta, das coisas (tradução minha).

²³ Do primeiro tipo vem *O Albatros*. Do segundo *Harmonia da noite* (tradução minha).

²⁴ Suas diferenças: (tradução minha).

²⁵ Não há mais “signos” comuns a todos os locutores, comunicando a todos um conceito idêntico, mas outra coisa que não é da ordem da denominação, mas da sugestão (tradução minha).

²⁶ É certo que o material linguístico do qual se serve o poeta é aquele do dicionário. Salvo rara exceção, todas as palavras de Baudelaire, de Mallarmé, estão individualmente no dicionário. Não há nenhuma forma verbal nova, a recepção das preposições é a mesma etc. E, no entanto não é a mesma língua. Por quê? (tradução minha).

É essa questão que mantém a vitalidade do pensamento de Benveniste sobre a poesia e que pode motivar muitos futuros estudos. O trabalho poético na língua é algo ímpar, sem dúvida, porém é necessário ultrapassar a dicotomia que a divide das outras práticas de linguagem, para que uma teoria da linguagem possa também ser uma teoria da literatura. Justamente quanto a essa abordagem da expressão poética, diz Henri Meschonnic que “toutes les figures d’opposition binaire entre la prose et la poésie, du non-vers au vers, du rationnel à l’irrationnel, ne font que renforcer le piège où la poésie a été mise par la stratégie du signe. La poétisation de la poésie est le signal de la déshistoricisation du langage” (1982, p. 504)²⁷. É no contexto dessa crítica que considero ambivalente e improfícua a posição de Benveniste que ao mesmo tempo essencializa a poesia e radicaliza a individualidade do poema. A segunda posição é a que nos indica caminhos para um trabalho diferente no âmbito do fazer poético. Pois, análoga aos desenvolvimentos conceituais que a sua obra sugere para o discurso, nessa abordagem, ele dá primazia à maneira através da qual o sujeito se inscreve na linguagem.

Apesar de ter me focado nesses pontos dos manuscritos, deve-se lembrar que isso não esgota o que eles têm a nos oferecer. Existe neles um trabalho sobre a terminologia da linguística, além da relação já apontada entre signo e palavra. Em uma série de folhas, por exemplo, Benveniste desenvolve o conceito de ícone, como um possível substituto do signo no contexto da poesia. No entanto, esse termo é fortemente desenvolvido a partir da oposição racional/emocional, afirmando que “[l]e poète crée la réalité individuelle, instantanée dont il parle, alors que la langue ordinaire présente une seule et constante catégorisation du monde, la même pour tous” (22 / f° 282)²⁸. Não discordo com o fato de que o poeta, ao fazer sua língua, proponha uma visão única do mundo, porém dizer que na “língua ordinária” existe uma única e constante categorização do mundo é exemplar das incongruências nas quais o linguista incorre ao tentar reforçar essa divisão intransponível.

O objetivo de alcançar uma teoria da linguagem que seja alimentada por uma teoria da literatura e a motive, visto que ela é, assim como o discurso cotidiano, um trabalho de língua, está, deve estar, presente no trabalho do linguista. Para que ela seja significativa, porém, não basta o trabalho sobre a morfologia ou a fonética de certo poema ou a elaboração de conceitos e não-conceitos sobre a poesia. Como qualquer prática de linguagem, a inscrição de um sujeito não se faz em um ou outro nível, não é identificável nessa ou naquela construção sintática ou em um termo ou outro. Ela acontece ao mesmo tempo em todos os níveis, de modo que não há níveis no discurso, poético ou não: a língua só sabe significar.

²⁷ Todas as formas de oposição binária entre a prosa e a poesia, não-verso e verso, do racional ao irracional, apenas reforçam a armadilha na qual a poesia foi colocada pela estratégia do signo. A poetização da poesia é o sinal da deshistorização da linguagem (tradução minha).

²⁸ O poeta cria a realidade individual, instantânea, da qual ele fala, enquanto a língua ordinária apresenta uma única e constante categorização do mundo, a mesma para todos (tradução minha).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. (Org.). *Langages n° 12: linguistique et littérature*. Paris: aaa, 1968.

BAUDELAIRE, C. *Les fleurs du mal*. Paris.

BENVENISTE, É. *Baudelaire*. Paris: Lambert-Lucas, 2011.

LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste: poétique de la théorie*. 2008. Tese de doutorado – Ecole doctorale Pratiques et Théories du sens, Paris.

MESCHONNIC, H. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Lagrasse: Verdier, 1982.